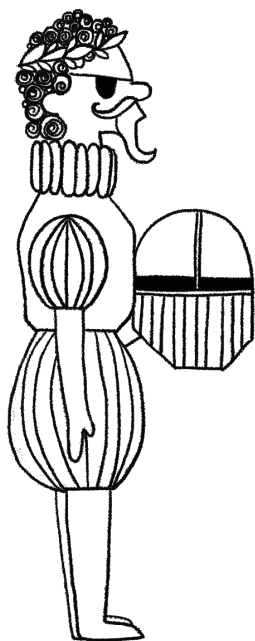


UMA ESTÓRIA DE **OS LUSÍADAS**



ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

FICÇÃO · POESIA

ÍNDICE

TEM INÍCIO A VIAGEM 9

CANTO I

A viagem: «Era longe o meu sonho...» 11

CANTO II

Enganos na vida, lições sobre a ingenuidade,
a traição e o humano 17

CANTO III

Depois de Mombaça agora sob céus amenos 29

CANTO IV

Contar a nossa história, isso é bom, é ter memória.
Pedro & Inês, amor imortal 37

CANTO V

Adamastor, um símbolo, ou a descida aos infernos . . 57

CANTO VI	
Os magriços, um conto cavaleiresco.	73
CANTO VII	
A Índia ou quem quer alcança e vence	85
CANTO VIII	
Em terras do Samorim ou uma fala de Paulo da Gama	97
CANTO IX	
Regressar à pátria e descobrir o amor numa ilha . . .	113
CANTO X	
Uma visão final ou mensagem a Portugal.	141
E EIS A REFLEXÃO DE CAMÕES, COM PALAVRAS FINAIS, DITAS POR TÉTIS NAQUELA ILHA, E O MAIS QUE SE SEGUE ATÉ À MENSAGEM PARA 2026.	149
NOTA AO LEITOR DE 2026, AOS PROFESSORES E AOS ESTUDANTES... E AOS PAIS... A UM PAÍS?	157
NOTAS	165

Tem início a viagem

Somos um país de navegadores, ou melhor, fomos um país de navegadores. Hoje navegamos noutros mares: nos mares da Internet, nos mares da vida: a escola, a família, a universidade; os amores, os desamores, os amigos.

Mas a viagem que fizemos há mais de Quinhentos anos, essa, definiu-nos. Somos ainda esses portugueses que foram, sem medo, desbravar oceanos, ilhas, continentes, descobrir fauna e flora que, aos europeus e a nós, nos eram desconhecidos.

Fomos, partindo em 1498, em março, em direção a essa Índia. Consta que eram quatro pequenos navios (ou naus), e, conduzindo, capitaneando essas quatro embarcações, um homem, escolhido pelo rei D. Manuel (Emanuel, que é «Deus connosco» e também significa «entusiasmo»), tornou-se o nosso herói ímpar: Vasco da Gama.

Tão grande foi esse seu descobrir novas rotas de comunicação entre a Europa e a Ásia, tão profundas as consequências do que esse «caminho marítimo para a Índia» significou para o mundo que, na verdade, são muitos os historiadores que defendem que a história da humanidade se pode dividir em dois tempos: um pré-gâmico e outro pós-gâmico. Isto é: o mundo e as sociedades humanas antes da chegada à Índia levada a cabo pelo marinheiro português Vasco da Gama e o que, depois desse «caminho» até ao Oriente, veio a chamar-se «globalização».

Este livro é uma outra forma de contar a história. A tua e a nossa história. Sem nacionalismos absurdos, pois também sabemos que a conquista nem sempre se fez (ou faz) sem derramamento de sangue. Mas este livro, que agora tens nas mãos, sendo uma paráfrase (um dizer de outra maneira) de *Os Lusíadas* (1572), é também, assim espero, uma porta que se abre para que mergulhes nessa aventura espetacular de há mais de cinco séculos e penses, ou questiones, entre o espanto e um certo orgulho: «Como foi possível?»

CANTO I

**A VIAGEM:
«ERA LONGE O MEU
SONHO...»**

Miguel Torga

E stamos na costa de Moçambique. Aqui chegámos por entre mar calmo, mar sereno, que só se tornou perigoso quando dobrámos o Cabo. Não te vou dizer já o que tivemos de enfrentar. Saberás, por agora, que foi como descer aos infernos. Disso te falarei mais tarde.

Nas costas de Moçambique ainda tínhamos muito que navegar. A Índia era longe. Um dos marinheiros trazia sempre na boca um verso que não se cansava de repetir: «Recomeça.../ Se puderes/ Sem angústia e sem pressa./ E os passos que deres/ dá-os em liberdade./ Enquanto não alcances, não descanse./ De nenhum fruto queiras só metade». Era o Leonardo, creio. Dizia versos, lia nas estrelas, era melancólico. Mas era justamente isso que queríamos: o fruto inteiro e não só metade! Chegar à Índia! Cumprir o sonho do nosso rei, D. Manuel!

O caminho era longe: «Era longe o meu sonho, e traiçoeiro, o mar...», dizia, em noites mais difíceis, o Leonardo. O caminho para a Índia, desde que saímos de Lisboa, era conhecido até um pouco mais ao sul da costa ocidental de África. A nosso favor tínhamos o sonho de «aparelhar o barco da ilusão» e de «reforçar a fé de marinheiro». Não sabíamos, porém, que noutro plano a nossa viagem estava a ser

decidida. Nem tudo dependeria de nós. Nem tudo, como sabes, depende da vontade humana.

Há forças ocultas, energias, mistérios. Hoje posso dizer-to. Posso falar dessas forças ocultas, obscuras, a que, muitas vezes, tivemos de obedecer sem saber. Do nosso lado, a favor da viagem que fazíamos em nome do nosso Deus e em nome do nosso Rei, tínhamos Júpiter, aquele que manda no Olimpo. A sua filha, Vénus, era também nossa aliada, a deusa do amor que tudo manda. Deusa da ternura, nunca do furor. Mas contra nós cresceram adversidades diversas. À cabeça, Baco, o deus da embriaguez, aquele a quem os povos orientais ainda prestavam culto: o culto do vinho na Índia e noutras zonas da Ásia onde ele, Baco, era ainda o deus onnipotente. Também Marte, o deus da guerra, apesar de amar Vénus, não se decidia exatamente por nós. Oscilava entre o amor que tinha a Vénus e a fúria de ver que nós, humanos, rasgávamos os mares, lutávamos contra povos gentios, contra quem não era pelo nosso Deus. E ainda Apolo, deus da música, do sol e da poesia, além de Neptuno, deus dos mares, este extremamente ofendido por desbravarmos território seu: eis alguns dos que se reuniram numa reunião – num Concílio – a ver o que poderiam decidir por nós, portugueses.

Nós sabíamos que Júpiter poderia fazer com que, no oceano Atlântico que rasgávamos com os nossos frágeis barcos, uma tempestade nos desviasse da rota

estabelecida, ou mesmo nos atirasse para as ondas enormes do mar alto que enfrentávamos. Bastava que ele o quisesse.

Mas Júpiter, pai dos deuses, reuniu todos nesse Concílio olímpico e, expondo a situação em que eles, deuses, se encontravam, deu a palavra aos imortais. Vénus foi a primeira a falar com o seu pai. Falou-lhe tão afetuosamente, usando termos tão doces para descrever «os [s]eus portugueses», tão parecidos com as gentes que ela mais amava – os romanos – e, ainda por cima, falando uma língua tão parecida com o latim, que, logo ali, jurou que nos defenderia! Marte, com argumentos carinhosos da deusa, igualmente se pôs ao lado da amada Vénus. Via em nós a sua própria valentia e, com o auxílio dos argumentos de Vénus, compreendeu que nós éramos, no fundo, seus herdeiros.

Deixa-me dizer, porém, que Baco, ressentido, maligno, pressentindo que o seu poder na Índia poderia estar sob ameaça, receando que nós fôssemos responsáveis por os gentios não lhe prestarem mais devoção alguma, pensou em colocar-nos armadilhas ao longo da viagem. Maldoso, pérfido, muitos de nós se perguntavam como é que podia Baco, pai de Luso, e, portanto, nosso mítico avô, estar contra nós, seus descendentes!

O Concílio dos deuses decorreu num palácio cheio de luzes e estrelas diamantinas. Júpiter, que de entre toda a sua criação era a Vénus quem

mais amava, como filha, deliberou que a nossa viagem seguisse serena, tanto quanto lhe fosse possível apaziguar a fúria de Baco. Mas este não perdoou ao pai dos deuses a afronta de ver uns simples mortais – nós, os lusos – chegarem ao plano quase divino. Era isso que Baco temia: «que venham eles a ser deuses/ e nós humanos».

CANTO II

ENGANOS NA VIDA,
LIÇÕES SOBRE
A INGENUIDADE,
A TRAIÇÃO E O HUMANO

Há mistérios inexplicáveis – ou não fossem mistérios. No exato momento em que os deuses discutiam entre si a nossa sorte, eu vi, no horizonte que se ia abrindo, redondo, à nossa frente, umas ilhas que pareciam sem gentes. Eu, por minha fé, Vasco da Gama, devo dizer-te: «vi claramente visto» tais ilhas irromperem da linha distante, e, no desenho delas, ao longe, elevavam-se terras. Uma ilha em especial me chamou a atenção: era a maior, a ilha de Moçambique! Esta era a que ficava mais perto da costa e, como precisávamos de descansar, e posto que os meus homens estivessem exaustos e esfomeados, logo dei ordem para que nela descêssemos.

Fomos abordados, assim que pusemos o pé nas areias lisas daquela costa, por mouros. Mouros comerciantes, já que, naquele tempo, aos mouros cabia explorar as rotas comerciais com aquelas zonas que nós, portugueses, ainda não conhecíamos. Atracámos os nossos batéis às naus e falámos à vontade com aquela moirama que gostava de comerciar.

Ninguém, nem mesmo Veloso, um dos meus mais experientes marinheiros, nem mesmo ele, a quem competia escrever o diário da nossa viagem, como se fazia sempre naquela época, nem ele, o velho